

A MORTE E OS ENJEITADOS NA FREGUESIA DA CIDADE DO NATAL (SÉC. XVIII E XIX)

Thiago do Nascimento Torres de Paula¹

Resumo: Tudo quanto tem vida morre, e na América portuguesa os recém-nascidos indiferentes da qualidade ou condição, eram ceifados bem cedo. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar a morte na freguesia da Cidade do Natal, especificamente a morte dos recém-nascidos enjeitados nos séculos XVIII e XIX. As fontes examinadas foram: os Assentos de batismo e óbito; os Termos de vereação; o Primeiro livro de tombo da igreja matriz da Cidade do Natal, entre outras. Os procedimentos aplicados a documentação estão ligados a duas ordens: uma quantitativa e outra qualitativa. A primeira para estabelecer índices, a segunda para compreender as práticas dos indivíduos diante a morte dos enjeitados. Tudo analisado a luz de referenciais da história sócio cultural.

Palavras-chave: Morte; Recém-nascidos; Enjeitados.

THE DEATH AND THE REJECTED ONES IN THE PARISH OF THE CITY OF NATAL (CENTURIES XVIII AND XIX)

Abstract: Every living being eventually dies, and in the Portuguese America the newborn babies, despite their quality or condition, were mowed at an early age by death. Therefore, the aim of this work is to analyse the death in the Parish of the city of Natal, specifically the death of rejected newborn babies in the centuries XVIII and XIX. The sources examined were: the baptismal and death registers; the Terms of Town Council; The First Registry book of the Main Church of the City of Natal, among others. The procedures adopted and applied concerning the documentation are linked to two orders: a quantitative one and a qualitative one. The first to establish indexes, and the second to understand the practices of individuals when facing the death of the rejected ones. Everything analysed in the light of references of the history social-cultural.

Keyword: Death; Newborns; Rejected.

Introdução

¹ Pós-Doutor em Educação (PNPD/Capes/2017-2018), Doutor em História pela UFPR (2016), Mestre em História pela UFRN (2009), Bacharel-licenciado em História pela UFRN (2005). Professor colaborador do Mestrado em História dos Sertões da UFRN, colaborador da Pós-Graduação Lato Sensu do IFRN, pesquisador do LEHS/UFRN (Laboratório de Experimentação em História Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Educador em Direitos Humanos da SEEC-RN. (<http://lattes.cnpq.br/1215912772573170>)

Desde longa data, os indivíduos convencionaram denominar de morte o fim da existência física. No mundo católico ocidental, desenvolveu-se em caráter de fantasia coletiva, ou mesmo de crença, entre todas as pessoas de que, após a morte, inumação e decomposição do corpo, haveria outra vida no além-sepultura, que poderia ser de paz ou tormento. Haja vista que, tudo que tem vida morre, no entanto, os homens são os únicos seres vivos que têm plena consciência da finitude da própria existência, tornando a morte, e “o dia da morte” um problema para todos os vivos, já que morrer não constitui problema algum.²

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar e analisar a morte na freguesia da Cidade do Natal,³ especificamente a morte dos recém-nascidos enjeitados na jurisdição eclesiástica nos séculos XVIII e XIX. É de suma importância, apontar que os enjeitados constituíam uma categoria de crianças recém-nascidas que eram abandonadas, fosse em campo aberto, ruas, monturos, em domicílios ou mesmo em instituições. Haja vista, que nos anos setecentista e oitocentista, o termo abandonado não era usado para fazer menção à criança, o mais recorrente eram as palavras *enjeitado* e *exposto*. Pois, os neonatos enjeitados estavam expostos à vontade alheia.

A documentação examinada para estudar o aspecto da morte dentro processo do abandono de crianças recém-nascidas na freguesia da Cidade do Natal, foram: os Assentos de batismo e óbitos, tal como o Primeiro livro de tomo da Igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, ambas as fontes estão sob a guarda do Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de

² ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos – envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-77. Cf. ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2014. p. 6.

³ Ressalta-se que a cidade estava localizada na região norte da América portuguesa, fundada no apagar das luzes do século XVI por ordem do Rei Filipe II de Espanha, também rei de Portugal (1580-1598). Nos primeiros tempos, a cidade era apenas uma pequena povoação protegida por uma fortaleza em homenagem aos Santos Reis Magos, uma igreja e poucas casas. Na primeira metade do século XVII, a cidade foi ocupada pelas tropas da Companhia das Índias Ocidentais, efeito da união das Coroas na península ibérica.

Natal. Na esteira da investigação do presente trabalho, também foram estudados os Termos de vereação do Senado da Câmara da Cidade do Natal, estes documentos encontram-se depositados na divisão de manuscritos do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Os procedimentos aplicados à documentação elegida para análise, foram de duas ordens, quantitativos e qualitativos. Primeiro, em meio aos muitos Assentos de óbitos da freguesia da Cidade do Natal, foram quantificados a morte de adultos e crianças, dentre os registros de crianças livres e escravas, foram selecionados os referentes aos recém-nascidos enjeitados. Por último, foi devassado, lido e transcrito as informações mais relevantes sobre os pequenos enjeitados, procedimento de ordem qualitativa também foi aplicado aos textos existentes nas páginas do Primeiro livro de tombo da Igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação [Igreja matriz da Cidade do Natal], livro onde se notificava as observações dos padres visitantes da Sé de Olinda, aos Termos de vereação, atas onde se registrava as deliberações dos homens-bons da Cidade do Natal, seguiu-se o mesmo procedimento.

Freguesia, enjeitamento e morte

A freguesia da Cidade do Natal, localizada na Capitania do Rio Grande do Norte foi criada em 1601, surgindo quase concomitantemente à cidade, já que a *urbs* foi fundada em 1599; a freguesia teve por orago Nossa Senhora da Apresentação e passou a ser subordinada ao Bispado de Pernambuco em 15 de julho de 1614, quando de sua criação, tornando-se independente da sé da Bahia. Porém, em fevereiro de 1623, a freguesia voltou a ser submetida ao Bispado da Bahia, quando, por ordem papal, a prelazia de Pernambuco passou à condição de sufragânea do bispo da

Bahia.⁴

Aos 16 de novembro de 1676, por via da Bula *Ad Sacram Beati Petri*, do Papa Inocêncio IX, foi a diocese de Olinda tornada independente de Salvador, sendo o primeiro Bispo de Pernambuco naquele ano Dom Estevam Bioso de Figueiredo. Mais uma vez, as terras da jurisdição eclesiástica de Natal e seus respectivos moradores retornaram para o domínio eclesiástico de Olinda.⁵

Dessa maneira, a freguesia do norte da América portuguesa correspondeu, como tantas outras freguesias durante o período colonial, a uma área de assistência religiosa onde havia igrejas, capelas e padres, comportando grandes espaços onde a população vivia dispersa em diferentes fazendas, mesmo existindo pequenos povoados. Salientando que eram um grande conjunto de indivíduos interdependentes. A área de assistência religiosa da cidade estendia-se por toda a Capitania, só sendo dividida na primeira metade do século XVIII com a criação de outras freguesias, como a do Açu e Caicó no sertão, Goianinha no litoral.⁶

Em um contexto mais amplo, o Rio Grande do Norte passou por um processo de crescimento populacional na segunda metade do século XVIII, como outras partes da América portuguesa, pois entre 1774 e 1786 o contingente geral da Capitania era de 23.812 habitantes, sendo que a freguesia da Cidade do Natal comportava 3.288 moradores.⁷

No tocante ao enfeitamento de recém-nascidos na freguesia da Cidade do Natal, o fenômeno não foi considerado um problema pelo

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Paróquias do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1992. p. 18.

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 20.

⁶ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN, 2000. p. 95.

⁷ IDÉIA da População da Capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas Costas, Rios, e Povoações notaveis, Agricultura, numero dos Engenhos, Contractos, e Rendimentos Reaes, augmento que estes tem tido &.^a &.^a desde o anno de 1774 [...] In: *ANNAIS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO* [...], p. 107-108.

Senado da Câmara ou pelos padres visitadores da Sé de Olinda, que passavam em revista a jurisdição eclesiástica, examinando a conduta dos fregueses e párocos locais. Sobretudo por que o índice de abandono na freguesia era muito baixo, entre os anos de 1750 e 1835, foram arrolados um total de 5.381 batismos, sendo identificados 157 enjeitamentos, o que corresponde a um percentual 2,9% do conjunto da amostragem.⁸

A taxa de abandono na freguesia estudada pode ser considerada baixa, quando comparada com outras taxas em formações sociais urbanas e portuárias da América portuguesa, cujos os índices atingiram a grandeza dos 20%.⁹ Sendo poucos os recém-nascidos enjeitados na transição do século XVIII para o século XIX, aqueles meninos e meninas não chegavam ao Senado da Câmara da Cidade do Natal, instituição que tinham a função de subsidiar a criação, dessa forma não constituindo um problema para os homens-bons do lugar.¹⁰

Problema para os homens-bons do Senado da Câmara da Cidade do Natal¹¹, eram configurados em outros aspectos, como: pontes quebradas; fontes e caminhos sujos; porcos destruidores de roças soltos pelas ruas, ou

⁸ Todos os 5.381 batismos analisados na pesquisa, são referentes a crianças livres e forras, haja vista que, quaisquer recém-nascido escravo abandonado era considerado liberto, dispositivo herdado do Direito Romano. Cf. PAULA, Thiago do Nascimento Torres de. *Teias de caridade e o lugar social dos expostos da Freguesia de N^a Sr^a da Apresentação* – Capitania do Rio Grande do Norte, século XVIII. 197f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

⁹ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999. p. 63

¹⁰ Cf. TERMOS DE VERAÇÃO DO SENADO DA CÂMARA DA CIDADE DO NATAL, 1709-1823. Nas Ordenações Filipinas, legislação castelhana imposta a Portugal durante a dominação de Madri sobre a Península Ibérica, já se determinava que era responsabilidade das Câmaras cuidarem das crianças recém-nascidas enjeitadas, podendo para tanto lançar impostos sobre a população para sua criação. ORDENAÇÕES FILIPINAS, Livro I, Título 66, § 41.

¹¹ Os homens-bons em Portugal continental no mundo moderno, normalmente eram indivíduos do nível superior da figuração social, brancos, católicos, abastados, egresso e pertencentes a famílias livres do sangue mouro, judeu, mestiço ou falhas mecânicas, que participavam da administração pública, necessariamente ocupavam funções nos Senados das Câmaras. Porém, em solo americano no Novo mundo, especificamente na freguesia da Cidade do Natal, os ditos homens-bons eram pessoas também abastadas, no entanto marcados pelos elementos da mestiçagem.

mesmo mulheres de má procedimento cotidiano.¹² O ínfimo percentual de enjeitamento na freguesia, possibilitou que os recém-nascidos abandonados fossem invisíveis aos olhos dos padres visitantes da Sé de Olinda. Os representantes do Bispo de Pernambuco consideravam problemas, os indivíduos que não batizavam os filhos até o oitavo dia de nascimento, ou mesmo os homens e mulheres que deixavam de ir à missa do domingo, para fazerem roça e pescarem.¹³

É importante ressaltar, que na freguesa da Cidade do Natal nunca houve uma Santa Casa da Misericórdia, nem muito menos uma Roda dos enjeitados.¹⁴ Com isso, os enjeitados foram socorridos pelos próprios moradores do lugar, pessoas que estavam ligadas umas às outras por laços de interdependência mútua, hierarquizados entre si, compondo verdadeiras redes informais de assistência. No contexto geral do enjeitamento na freguesia, considera-se que o abandono foi protetor, pois 100% dos recém-nascidos foram abandonados em domicílio, alguns portando bilhetes e por muitas vezes deixados em casas que apresentavam indícios da presença de leite humano.¹⁵

Mas com certeza a morte de alguns pequenos enjeitados na formação social da freguesia da Cidade do Natal representou um problema específico para aqueles que os recolheram e se envolveram na tessitura das redes informais de assistência.

Quando o fenômeno da morte consumia a vida de uma criança

¹² Cf. TERMOS DE VERAÇÃO DO SENADO DA CÂMARA DA CIDADE DO NATAL, 1709-1823.

¹³ Cf. PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE Nº SRª DA APRESENTAÇÃO, 1725-1890.

¹⁴ Sobre a Roda dos enjeitados comenta-se: "Uma inovação caracteristicamente mediterrânea na assistência aos enjeitados [...]. Era uma caixa cilíndrica de madeira, colocada dentro da parede de um prédio. Girava num pino colocado sobre seu eixo vertical, e era repartida ao meio. Originalmente, essas rodas giratórias eram comuns nos conventos; alimentos, remédios e mensagens eram colocadas na repartição do lado de fora da parede. A roda era então girada, transportando os artigos para a parte de dentro, sem que as reclusas vissem o lado de fora, e sem que fossem vistas. Ocasionalmente, uma mãe pobre colocava o filho nessa roda, confiando na caridade das freiras para que criassem o bebê [...]" RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1775*. Trad. Sérgio Duarte. Brasília: EDUNB, 1981. p. 233.

¹⁵ Cf. ASSENTOS DE BATISMO DA FREGUESIA DA CIDADE DO NATAL, 1750-1835.

enfeitada, com poucos dias, meses ou anos de existência, gerava gastos financeiros para os adultos envolvidos na criação. Era necessário pagar a mortalha, custear a encomendação do corpo e a pequena sepultura na igreja matriz ou em alguma das capelas, a não ser que o responsável pelo enterro fosse extremamente pobre e solicitasse o sepultamento do exposto *pelo amor de Deus*; ainda assim, mesmo que o criador recolhesse esmolas para custear a inumação do pequeno corpo, aquilo geraria gastos para outros moradores da freguesia. Considera-se ainda um possível custo emocional, caso os moradores do domicílio receptor tivessem gestado laços de amor com o enjeitado, agora morto.

É de fundamental importância apontar que foi recorrente naquela formação social o enterro de recém-nascidos ilegítimos, filhos de mulheres solteiras, com ajuda de esmolas. Tal situação também revela os laços de interdependência entre os indivíduos, pois um pequeno corpo morto necessitava ser enterrado, e todo e qualquer indivíduo naquelas sociedades católicas também precisava praticar a caridade, neste caso, concedendo esmolas para o enterramento dos filhos de mulheres provavelmente pobres, mesmo por que o número de indivíduos depauperados era muito maior que de pessoas abastadas, seria uma ato de caritativo.

Dessa forma, apresento os casos das moradoras Joana de Tal¹⁶, Escolástica Maria¹⁷ e Antonia de Tal¹⁸, todas solteiras. Joana mandou sepultar seu filho José, que tinha apenas dois dias de vida, com a ajuda de esmolas dadas pelos moradores da freguesia. Tal ação de caridade se repetiu em função do enterro dos pequenos Joaquim e Pedro, nascidos de Escolástica e Antonia, respectivamente. Também com ajuda de esmolas foram enterrados Manoel, com 12 dias de vida¹⁹, Maria, com cinco anos de idade²⁰, Pedro,

¹⁶ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 31.

¹⁷ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 47v.

¹⁸ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 58.

¹⁹ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 50v.

²⁰ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 56v.

também com apenas 12 dias de vida²¹, Damiana, com dois dias de nascida²², Cosme, com um ano de idade²³, Antonia, com seis dias de vida²⁴, e, por último, outra pequena Maria, com seis meses de nascida.²⁵ Todos eram filhos de mulheres declaradamente solteiras, os enterros ocorreram entre os anos de 1788 e 1802.

Destacou-se pontualmente os sepultamentos dos filhos ilegítimos, denominados na documentação de batismo como filhos naturais, pelo fato deles terem sido muitos na freguesia. Entre os anos de 1750 e 1835, entre os 5.381 recém-nascidos batizados, fosse na igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, em qualquer outra igreja, ou capela, os bastardos representaram um percentual que salta aos olhos, 20,3% o que seria em números absolutos 1092 crianças.²⁶

Não há sinais, evidências ou pistas na documentação Camararia de que os homens-bons da Cidade do Natal deliberaram sobre recursos a serem direcionados ao socorrimento dos recém-nascidos enjeitados; pode-se supor que menor ainda seria a possibilidade de que a Câmara destinasse recursos aos funerais dos enjeitados.²⁷ Neste ponto Natal difere do que acontecia em contextos mais amplos, em sociedades do centro-sul da América portuguesa onde os camaristas passaram a colaborar com os sepultamentos. Veja o caso de Vila Rica, onde inicialmente a Câmara

[...] não pagava as mortalhas dos inocentes; recaíam também sobre os criadores a encomendação e o enterro. Quando, em julho de 1769, Vicente Moreira de Oliveira pediu pagamento pela criação de Veloziano, esclareceu que "consta comprar o suplicante a mortalha para ser envolto o dito enjeitado, importa uma oitava e um cruzado". A Câmara deferiu somente o estipêndio combinado e alegou que "é justo que se lhe satisfaça pelos bens desta Câmara menos as

²¹ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 58.

²² Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 61.

²³ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 61.

²⁴ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 61.

²⁵ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 61v.

²⁶ Cf. ASSENTOS DE BATISMO DA FREGUESIA DA CIDADE DO NATAL, 1750-1835.

²⁷ Cf. TERMOS DE VERAÇÃO DO SENADO DA CÂMARA DA CIDADE DO NATAL, 1709-1823.

despesas que refere fez com a morte do exposto". Contudo, em 1801, a Câmara já arcava com as encomendações dos enjeitados, como atesta uma lista de enjeitados falecidos que o vigário de Antônio Dias, João Antônio Pinto Moreira, enviou, solicitando a "pouquidade que de justiça a mim se deve praticar".²⁸

Talvez o que se perceba em Vila Rica, em fins do século XVIII, seja uma mudança na sensibilidade dos agentes da Câmara perante a morte dos enjeitados. Já a Câmara da Vila de Porto Alegre custeava o sepultamento dos pequenos desvalidos a contragosto da Corregedoria:

Proveu que não fizessem a menor despesa com os enterros dos enjeitados porquanto tinham precisa obrigação os Reverendos Párocos das freguesias, mandá-los sepultar sem estipêndio algum, quando é certo que mesmo Párocos recebem ordenados de sua Majestade ou as cõngruas que lhe fazem os povos, nem podem servir de fundamento, serem as criações desses miseráveis feitas pelos bens do Conselho, porque a alta clemência dos nossos soberanos nada mais se estende que à despesa de suas criações, o contrário pagariam eles, oficiais, pelos bens²⁹.

Como dito, era função das Câmaras em qualquer parte do império português criar os recém-nascidos enjeitados, porém não sepultá-los. Tal situação deflagrou um conflito entre o vigário da Vila de Porto Alegre e os membros da Câmara; no início do século XIX, o padre cobraria do Conselho os valores dos enterramentos, recusando-se ainda a enterrar mais enjeitados sem o devido pagamento.³⁰

Sem dúvida, a morte era uma ameaça constante para as crianças na freguesia da Cidade do Natal, tal como para tantas outras crianças dos vários rincões da América portuguesa. Este foi também o caso de Maria,

²⁸ FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. p. 200-201.

²⁹ AHPAMV. Termo de vereança, 05/06/1799. Apud SILVA, Jonathan Fachini da. *Os filhos do destino: a exposição e os expostos na Freguesia Madre de Deus em Porto Alegre (1772-1837)*. 226f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. p. 75.

³⁰ SILVA, Jonathan Fachini da. *Os filhos do destino: a exposição e os expostos na Freguesia Madre de Deus em Porto Alegre (1772-1837)*. 226f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. p. 75-76.

exposta em casa de João Batista Dias: a menina foi encontrada por Eva, uma preta pertencente a João Luís Pereira, aos 23 de novembro de 1763. A pequena foi batizada na igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação em 5 de dezembro do mesmo ano; foram padrinhos o seu receptor, João Batista Dias, e Inácia Pereira, filha de João Luís Pereira.³¹

Posto em ação o jogo social do abandono, estabelecia-se a rede informal de assistência, inerente às relações de dependência recíproca existentes na freguesia. Mas nem sempre tal assistência garantia a sobrevivência do exposto, pois Maria faleceu antes de completar dois anos. A menina foi sepultada na mesma igreja de seu batismo, no final do mês de agosto de 1765, envolta em uma mortalha de tafetá azul.³²

Outros expostos que não resistiram foram José, João e Manuel, que faleceram com sete meses, nove dias e dois dias de vida, respectivamente. O pequeno José morreu na data de 13 de maio de 1784, havendo sido deixado na casa do mestre Agostinho da Silva, que, realizando um último ato de caridade para com aquele enjeitado, sepultou-o na capela de Nossa Senhora da Conceição do Jundiá.³³ João tinha sido abandonado em um domicílio próximo de um rio, em casa da viúva Teresa Josefa de Jesus, que o enterrou na capela de São Gonçalo aos 25 de abril de 1802. Possivelmente a viúva arcou com todas as despesas do sepultamento.³⁴ Manuel não viveu mais que 48 horas. No dia 16 de janeiro de 1803, o enjeitado foi enterrado também na capela de São Gonçalo, sendo os gastos do sepultamento provavelmente pagos por seu receptor José da Costa de Veras.³⁵

A precariedade do mundo colonial na América se revela minimamente nestes casos, em que os recém-nascidos eram ceifados tão cedo, mesmo tendo talvez o enjeitamento como uma possibilidade de

³¹ Assentos de batismo, Cx. única, Maço: 1763-1765, f. 5v.

³² Assentos de óbito, Cx. única, Maço de 1762-1765, f. 1v.

³³ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1780-1784, f. 44.

³⁴ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 20v.

³⁵ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1788-1802, f. 24v.

sobrevivência. Provavelmente aqueles enjeitados, que logo tornaram-se pequenos defuntos, eram egressos de domicílios profundamente marcados pela pobreza, supostamente não resistiram por terem chegado aos domicílios receptores com a saúde já debilitada, resultado de uma gestação atravessada por muitas adversidades.

Mortos em números

Entre os anos de 1760 e 1835 foram arrolados 2.240 sepultamentos de indivíduos livres e forros na freguesia da Cidade do Natal, contagem esta realizada a partir dos assentos de óbito que chegaram até o presente. As inumações ocorreram na Igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação e nas capelas anexas, contando-se 1.057 enterramentos de homens e mulheres adultos³⁶ e 1.183 de crianças, sendo 52 destas enjeitadas.³⁷ Apesar do número de enterros de crianças ter sido um pouco maior que o dos adultos, pode-se supor que tal cifra tenha sido ainda maior, considerando a alta mortalidade infantil do período, haja vista que também há lacunas na documentação serial de óbito. Na península ibérica, e outros sítios da Europa no século XVIII, figurou-se o seguinte quadro:

Na Espanha setecentista, a cidade de Oviedo estava entre os mais baixos índices, que entre 1785 e 1789, foi de 432 por mil; por sua vez, os números de Santiago de Compostela aumentavam em quase 100%, ou seja, de cada mil crianças nascidas, 845 faleceram, entre os anos de 1767 e 1771. Em Florença, 77% das crianças faleceram no período de 1700 a 1702; esse número subiu para 90% entre 1792-1794; os percentuais também eram altos na França, Rouen, entre 1782-1789, a mortalidade recaía sobre 86% dos nascidos. Em Portugal, os números não são tão assustadores quanto aqueles encontrados em algumas cidades européias, porém, trata-se, igualmente, altos índices de mortalidade. No Porto, as taxas calculadas para o século XVIII não excederam os 63%; em Évora (1724-1780), não ultrapassaram os 45%. Para Santarém (1691-1710), 44,7% das crianças abandonadas morreram durante o primeiro ano de vida, e esse

³⁶ Entre os adultos havia dois expostos, ambos solteiros.

³⁷ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1760-1835.

percentual subia para 54,7% quando se levava em conta os sete da criação; em Ponte de Lima, os valores ficaram em torno dos 60% nos decênios calculados para os séculos XVIII e XIX.³⁸

A alta mortalidade de meninos e meninas era uma realidade tanto na Europa como na América. Acredito que não somente os documentos de óbito desaparecidos revelariam uma frequência maior de enterramentos de crianças na freguesia da Cidade do Natal, como também deve-se considerar a possibilidade de alguns sepultamentos clandestinos, fora do espaço do sagrado, em quintais, caminhos e outros rincões. Inumações não registradas, sobretudo por causa dos custos de encomendação do corpo, mortalha e sepultura, mesmo havendo a opção dos enterros com ajuda de esmolas ou pelo amor de Deus. Tal realidade foi identificada na região das Minas, centro-sul da América portuguesa:

Em 20 de agosto de 1782, acharam-se “os ossos de um inocente de um ano, atrás da chácara de João Rodrigues de Abreu. Diziam ser filho da crioula Ana, escrava de Francisco de Souza Rego. Os ossos foram entrados na região das cabeças”, recolhidos e enterrados no adro da matriz do Pilar.³⁹

Salienta-se que os restos mortais do inocente escravo, saiu de uma sepultura clandestina, para uma sepultura marginal, já que o adro era o espaço ao redor das igrejas, lugar de enterramentos de pobres, escravos e outros sem prestígio. No entanto, nem sempre “os piores” da figuração social da América portuguesa descansaram eternamente nos adros das igrejas, estudos recentes demonstram que as normas eram rompidas, e que a realidade era muito mais complexa.⁴⁰

³⁸ FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. p. 203.

³⁹ FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. p. 202.

⁴⁰ Cf. NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiências urbanas séculos XVIII-XIX*. 262f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Ver também, MEIRELLES, Pedro Von Mengden. *Um terreno cheio de asperezas: o cemitério*

Quanto aos 52 enjeitados sepultados na freguesia da Cidade do Natal no período examinado, somente de cinco foi possível encontrar referências nos registros de batismo; lembre-se que alguns pequenos desafortunados podem ter sido batizados em casa, em função das péssimas condições de saúde com que chegavam aos domicílios receptores; como já aventado, há também a possibilidade do extravio dos documentos ao longo do tempo.

Considerando que foram identificados 157 expostos nos documentos de batismo, pode-se visualizar por proporção uma mortalidade relativamente alta entre eles. Fosse em comunidades pequenas, onde os laços de interdependência eram diretos, ou em comunidades maiores, em que as relações de dependência recíproca eram indiretas, a mortalidade dos expostos era alta, tanto na América portuguesa quanto na Europa. Segundo Marcílio, estima-se que apenas 20% ou 30% dos recém-nascidos que eram postos nas Rodas dos enjeitados chegavam à idade reprodutiva, no contexto amplo da colônia portuguesa na América e Império do Brasil.⁴¹

Como dito, em diferentes formações sociais a morte dos abandonados, principalmente onde havia Roda dos enjeitados, representou um verdadeiro desastre. Na Vila de Santo Antonio do Recife, entre os anos de 1790 e 1800, a morte dos pequenos desvalidos na instituição de recolhimento esteve em torno de 70% a 80%; lá não se salvava vidas, mas talvez até se acelerasse a morte dos recém-nascidos.⁴²

Em São Salvador da Bahia, entre meados do século XVIII e final do XIX,

da matriz de Porto Alegre no cotidiano da cidade (1772-1888). 243f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

⁴¹ MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil. 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 37.

⁴² NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. *A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832)*. 305f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. p. 138.

a mortalidade dos enjeitados não esteve abaixo de 45%⁴³; em 1831, na Casa dos expostos de São Sebastião do Rio de Janeiro, a morte causou um massacre entre os expostos, chegando ao nível de 932 por mil⁴⁴; em Campos dos Goitacases, Capitania do Rio de Janeiro, entre os anos de 1754 e 1796 a morte dos expostos foi taxada em 38%.⁴⁵ Ainda no centro-sul da América de Portugal, em Vila Rica, entre os anos de 1763 e 1769 foi arrolado um índice de mortalidade de expostos de 62,8%.⁴⁶

No sul da América lusa, a mortandade dos recém-nascidos abandonados também foi regular: 25% foi o percentual de mortalidade no período entre 1770 e 1790 na Vila de Curitiba.⁴⁷ Na Vila de Desterro,

A mortalidade dos expostos era bastante elevada. Dos 367 registros de entrada na Casa dos Expostos desde 1828 até 1840, faleceram 223, o que corresponde a 61% do total. A maior parte dos óbitos ocorria antes de as crianças completarem um ano de idade, somando 193, ou seja, 52% das crianças entradas na Casa, equivalendo a 86% dos óbitos de expostos no período analisado.⁴⁸

Na Vila de Porto Alegre, entre os anos de 1801 e 1835, ocorreu o enjeitamento de 635 crianças, das quais morreram 358, correspondendo a um índice de 36,1%.⁴⁹ Para além dos limites da América portuguesa, em

⁴³ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social do abandono de crianças*. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 238.

⁴⁴ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999. p. 109-110.

⁴⁵ FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 84.

⁴⁶ FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. p. 204.

⁴⁷ CAVAZZANI, André Luiz M. *Um estudo sobre a exposição e os expostos na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (Segunda metade do século XVIII)*. 158f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. p. 99.

⁴⁸ OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. 329f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990. p. 176.

⁴⁹ SILVA, Jonathan Fachini da. *Os filhos do destino: a exposição e os expostos na Freguesia Madre de Deus em Porto Alegre (1772-1837)*. 226f. Dissertação (Mestrado em História) –

Buenos Aires, no intervalo entre 1779 e 1823 a mortalidade na *Inclusa*⁵⁰ foi superior a 60%⁵¹; no período entre 1673 e 1757, nas ilhas hispânicas da costa da África,

De los 86 niños que tenemos constancia a través de los libros de registro que regresaron a la Casa Cuna de Santa Cruz de La Palma, 33 fallecieron en la institución a los pocos días o meses, representando el 38,3 por 100 del total de incluseros.⁵²

Nas terras da península ibérica, tal como em outras formações sociais específicas do mundo luso-hispânico, a morte de crianças recém-nascidas expostas também esteve nas alturas. Na cidade do Porto, entre os anos de 1700 e 1720, a mortalidade dos enjeitados atingiu um nível de 60%⁵³; em Granada, no Reino de Castela, entre 1771 e 1780 o índice de mortalidade entre *niños expósitos* foi de 66,8%.⁵⁴ Em suma, como afirmou Venâncio, a história do abandono de recém-nascidos foi uma história da morte; segundo o historiador, os expostos na América portuguesa morriam em maior proporção que os filhos dos escravos, na passagem do século XVIII para o

Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. p. 134.

⁵⁰ *Inclusa* era uma forma coloquial para denominar a Casa de *niños expósitos*. HUAMÁN, Richard Chuhue. Enterramiento de expósitos y benefactores en la bóveda sepulcral de la iglesia y hospícios de niños huérfanos de Lima. In: HUAMÁN, Richard Chuhue; LUNA, Pieter van Dalen (Org.). *Lima subterránea – arqueología histórica: criptas, bóvedas, canales virreinales y republicanos*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2014. p. 106.

⁵¹ MORENO, José Luis. El delgado hilo de la vida: los niños expósitos de Buenos Aires, 1779-1823. *Revista de Indias*, v. LX, n. 220, p. 664-685, 2000. p. 674.

⁵² “Dos 86 recém-nascidos que temos certeza por meio dos livros de registros egressos da Roda dos Expostos de Santa Cruz de la Palma, 33 morreram na instituição com poucos dias ou meses, representando 38,3% dos registrados” (trad.). ANDRÉS, Pedro Quintana, CABRERA, Manuel Lobo. Expósitos en la isla de la Palma (1673-1757). *Anuario de Estudios Atlánticos*. 2013. p. 878.

⁵³ SÁ, Isabel dos Guimarães. *A circulação de crianças na Europa do sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 167.

⁵⁴ CAPILLA, Manuel Vallecillo; ROS, Guillermo Olagüe de. Política demográfica y realidad social en la España del siglo XVIII: la asistencia al niño expósito en Granada (1753-1808). *Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*. v. 2, p. 211-240, 1982. p. 239.

Causa mortis

Normalmente os expostos eram postos nas Rodas com a saúde relativamente frágil, quando não já mortos, para terem um enterro digno. Acredita-se que estes altos índices de mortalidade entre os recém-nascidos, sobretudo os deixados nas Rodas dos expostos, esteja associado à alimentação artificial, isso na primeira metade do século XIX.

As crianças eram alimentadas com pão molhado, mel misturado com água ou, então, sugavam leite em trapos ou boneca de pano. Em nenhum momento, as deliberações administrativas ou os conselhos médicos alertavam para a necessidade de o leite ser fervido ou de higiene com o material empregado. Tanto na residência das criadeiras quanto nos hospitais, a amamentação artificial comprometia a saúde frágil dos abandonados.⁵⁶

Nos séculos XVIII e XIX, os recém-nascidos enfrentavam uma verdadeira batalha pela vida nos primeiros anos de existência. Havia inúmeras ameaças, “[...] como mau trato do cordão umbilical, mal de sete dias, vestuários impróprios, alimentação inadequada, sarna, bexiga, sarampo, lombriga, hepatite, gastroenterite”.⁵⁷

Na Capitania do Rio Grande do Norte, dos 52 enjeitados da freguesia da Cidade do Natal de que se teve acesso aos documentos de óbito, 37 morreram antes de completar um ano de idade. Apenas sete expostos faleceram com pouco mais de um ano, e em oito registros os padres não fizeram referência à idade dos abandonados.

⁵⁵ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999. p. 99-119.

⁵⁶ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999. p. 109.

⁵⁷ FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. p. 205.

No entanto, arrolou-se um caso de um exposto que morreu de moléstia desconhecida com 10 anos e seis meses, já na idade da razão; o menino, que atendia por Francisco, era branco e foi abandonado em casa de Marcolino Vieira; Francisco faleceu na data de 31 de agosto de 1799, sendo sepultado no corredor da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação.⁵⁸

Situação similar à da freguesia da Cidade do Natal verificou-se na Vila de Porto Alegre, entre os anos de 1801 e 1835.

Das crianças expostas nesse período, 54% morreram antes mesmo de completar seu primeiro ano de idade, e 18% antes de completarem seus dois anos de idade, ou seja, quase 70% do total dos enjeitados mortos não sobreviveram aos dois primeiros anos de vida.⁵⁹

Na freguesia da Cidade do Natal foram raras as vezes em que os padres anotaram nos assentos de óbito a causa da morte dos expostos, supostamente porque tal informação não era comunicada aos párocos pelos receptores-criadores, sobretudo porque os encarregados de cuidar dos enjeitados não conseguiam, muitas vezes, identificar a *causa mortis* dos pequenos desafortunados. Mesmo quando os criadores informavam a provável causa mortis, o que era anotado como causa do falecimento não passava de sintomas que poderiam indicar várias doenças.

Foram detectados apenas três assentos em que os padres registraram o que possivelmente causou a morte dos pequenos. Assim foi com Gregório, de pele parda, enjeitado em casa do provedor da Fazenda Real Antônio Carneiro de Albuquerque Gondim, que morreu aos 30 de junho de 1798, sendo sepultado na igreja de Nossa Senhora do Rosário, em um hábito azul; o sacerdote que elaborou o assento de óbito apontou o hidrópico como

⁵⁸ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 52.

⁵⁹ SILVA, Jonathan Fachini da. *Os filhos do destino: a exposição e os expostos na Freguesia Madre de Deus em Porto Alegre (1772-1837)*. 226f. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. p. 135.

causa da morte.⁶⁰ A hidropisia era um problema de saúde causado pela má circulação do sangue, pela pouca capacidade do coração de bombear, tendo por consequência a formação de edemas.⁶¹

A possível insuficiência cardíaca e os inchaços pelo corpo também vitimaram o receptor do pequeno Gregório, quase dez meses depois.

Aos vinte e três de abril de mil setecentos e noventa e nove faleceu da vida presente com todos os sacramentos Antônio Carneiro de Albuquerque Gondim com idade de oitenta anos pouco mais ou menos casado com Dona Maria da Apresentação de hidropisia. Foi sepultado nesta matriz envolto em habito dos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, depois de ser encomendado solenemente por mim, com a presença de todos os sacerdotes desta freguesia. E para constar fiz este termo e assinei. Feliciano José Dorneles / Vigário Colado.⁶²

Antônio, branco, exposto em casa do Capitão Manuel Alves Correia, morreu aos 16 de agosto de 1798, com apenas quinze dias de vida, sendo enterrado na capela da Utinga, envolto em uma mortalha encarnada; o padre que registrou a morte do pequeno abandonado declarou que Antônio tinha morrido de espasmo.⁶³ As convulsões que supostamente mataram Antônio poderiam ter várias origens, de fundo nervoso, contrações musculares ou mesmo um choro tão intenso que o recém-nascido pode ter parado de respirar, morrendo por asfixia.⁶⁴

Outro caso de morte com a provável causa declarada foi o de Joaquina, abandonada em casa de Elena do Coito. A menina, de dois meses de idade, faleceu de uma febre aos 28 de julho de 1803, sendo

⁶⁰ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 40.

⁶¹ ARAÚJO, Cíntia Ferreira. Os frutos enjeitados: o abandono de crianças na Mariana Oitocentista. In: VENÂNCIO, Renato Pinto. *Uma história social do abandono de crianças – De Portugal ao Brasil: séculos XVIII-XX*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 187-191.

⁶² Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 48.

⁶³ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 44v.

⁶⁴ MELO, Sara; CHORÃO, Rui. Espasmos de choro: problema de comportamento? *Nascer e crescer – Revista do hospital de crianças Maria Pia*. v. XIX, n. 1, p. 20-24, 2010. Disponível em: < <http://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/671/1/v19n1artRev.pdf> > Acesso em: 08 jan. 2016.

inunada no solo da capela de São Gonçalo, em uma roupa mortuária encarnada.⁶⁵ Apesar de haver a indicação da causa mortis da enjeitada Joaquina, a expressão uma febre não explica muita coisa, pois a febre poderia ser o sintoma de algum tipo de infecção, que poderia ter sido desde respiratória até intestinal, passando por muitos outros problemas de saúde.

Foi arrolado também o caso de José, branco, exposto em casa de Rita Maria dos Santos; José faleceu com 8 dias de vida, aos 6 de janeiro de 1797, sendo enterrado na capela do Senhor Bom Jesus das Dores. Este é um dos muitos falecimentos de expostos em que o padre não declarou o motivo da morte; no entanto, pode-se conjecturar que o pequeno José pode ter sido vítima do mal-de-sete-dias (tétano) ou de uma, infecção pós-parto, já que ele resistiu poucos dias. Similarmente, identificou-se a morte de Maria, abandonada no domicílio de Joaquim José Pereira; possivelmente vitimada por uma infecção pós-parto, Maria faleceu na data de 28 de março de 1797, com apenas cinco dias de vida, sendo sepultada na igreja de Santo Antonio dos Soldados.⁶⁶

Pode-se supor que vários enjeitados morreram vítimas de infecções respiratórias, causadas pelo clima quente e fungos tropicais, ou de infecções intestinais provocadas por alimentação inadequada.

Sobre esta questão, Sergio Odilon Nadalin é bastante enfático:

[...] De fato, a mortalidade infantil e mesmo juvenil é, no geral, relativamente maior no verão do que no inverno. [...] A saúde das crianças amamentadas sofria então uma dupla ameaça, pela alteração do leite da mãe em função de longas jornadas de trabalho ao sol, ou pela diminuição da vigilância, inclusive em relação às crianças mais velhas. Aumentavam, pois, os riscos de acidentes, de infecções, de abusos na ingestão de frutos muito verdes ou muito maduros, resultando em problemas gastrointestinais.⁶⁷

⁶⁵ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1795-1845, f. s/n.

⁶⁶ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1795-1845, f. s/n.

⁶⁷ NADALIN, Sergio Odilon. *História e Demografia: elementos para um diálogo*. Campinas: ABEP, 2004. p. 112

Na freguesia da Cidade do Natal não foram encontrados casos de acidentes com recém-nascidos. No entanto, foi possível identificar situações como a da pequena parda Teresa, filha de Leandro Cardoso e Josefa Maria, que morreu aos 30 de junho de 1798, de comer terra.⁶⁸ Semelhante situação se repetiu em 2 de julho do mesmo ano com Luísa, negra forra de apenas três anos de idade, filha de Nicomedio de Oliveira e Candida Teixeira.⁶⁹ De problemas possivelmente intestinais, apresentando febre e vômito, morreu com apenas doze meses de vida Joaquim, menino branco, filho de Agostinho Rodrigues e Josefa Maria, na data de 12 de setembro de 1798.⁷⁰

Nas terras da freguesia houve casos de domicílios nos quais a morte trouxe a vida de duas crianças no mesmo ano. Foi assim com as filhas de Vitoriano José: uma faleceu na data de 12 de abril de 1793⁷¹, a outra aos 4 de outubro.⁷² Assim também ocorreu com os filhos de Manoel Araujo Correia, Dionicio, que morreu com idade de quatro anos, aos 28 de julho de 1789⁷³, seguido de sua irmã Eugenia, um pouco mais jovem, com apenas três anos de idade, na data de 28 de setembro.⁷⁴ Salienta-se que, assim como no caso dos expostos, o padre que escreveu os documentos de enterramento não declarou as causas das mortes.

Lugares de enterramento

Na jurisdição eclesiástica da Cidade do Natal, entre os anos de 1760 e 1835, os sepultamentos seguiram o padrão comum do mundo católico ocidental. O padrão era denominado de *ad sanctos apud ecclesiam*, ou

⁶⁸ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 43.

⁶⁹ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 43v.

⁷⁰ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1788-1802, f. 45.

⁷¹ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1792-1793, f. 16.

⁷² Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1792-1793, f. 16.

⁷³ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1784-1791, f. 23v.

⁷⁴ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1784-1791, f. 48.

seja, perto dos santos e dentro da igreja⁷⁵; na ampla figuração social da América ibérica, as igrejas e capelas tinham seus espaços internos hierarquizados, espaços estes que eram também utilizados como morada dos mortos. Os templos eram divididos em corpo da igreja e o altar-mor, onde estavam os santos; havia também o adro, solo ao redor das igrejas também destinado aos enterramentos - uma espécie de perto dos santos, mas fora da igreja. O adro era o local de sepultamento dos pobres e escravos que não podiam pagar os valores maiores pelo enterro, porém, como já mencionado tal prática apresentava suas exceções.⁷⁶

Ocorria uma reprodução da hierarquia que existia no mundo dos vivos no espaço da morte, tanto na freguesia da Cidade do Natal quanto em quaisquer outras sociedades do mundo ibérico. Ser enterrado perto dos santos no altar-mor custava mais caro, sendo privilégio de alguns indivíduos posicionados no nível superior da estratificação social. Já o corpo da igreja era destinado a homens pertencentes ao nível inferior da hierarquia social, espaço onde para ser enterrado se pagava menos, mas ainda mais do que no adro.⁷⁷ Tal como a causa mortis dos expostos, o lugar específico de seu sepultamento também não era declarado pelos padres, quando elaboravam os assentos de óbito.

Todavia, um enterramento destacou-se entre os sepultamentos dos enjeitados: foi o de Alexandre, exposto em casa de Felix Ferreira, falecido aos 20 de setembro de 1785, com um ano de idade: foi sepultado no solo da capela de Nossa Senhora da Conceição do Jundiá, envolto em hábito de cetim carmesim. O padre redator do documento especifica que o

⁷⁵ RODRIGUES, Cláudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 164.

⁷⁶ Na freguesia em questão havia, na segunda metade do século XVIII, o cemitério da Pedra do Navio, autorizado pelo Bispo de Pernambuco, pois estava localizado em uma região muito distante da igreja matriz e de suas capelas anexas. Cf. PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO ..., 1725-1890.

⁷⁷ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 171-202.

abandonado foi enterrado “[...] do arco para cima [...]”; Alexandre foi inumado pelo receptor na melhor forma *ad sanctos apud ecclesiam*; o pequeno desafortunado teve sua última morada em um espaço prestigiado e caro.⁷⁸

Acredito que a atitude do criador de Alexandre, de sepultá-lo no altar-mor, revela indícios de uma mudança de sensibilidade para com a criança e para com o exposto. Talvez já houvesse vínculos afetivos entre o enjeitado e seus criadores, lembrando que o lugar de enterramento também era um símbolo de distinção, indicando que o receptor de Alexandre estava posicionado no nível superior daquela sociedade, até mesmo por que ele arcou com encomendação do corpo, e com a pequena roupa mortuária, um hábito confeccionado em cetim de tonalidade provavelmente apontando para um vermelho escuro, o carmesim.

Por outro lado, o caso de Caetana, deixada em casa de Braz da Rocha, representa a localização habitual onde acredito que normalmente as crianças falecidas eram enterradas. A exposta faleceu com seis meses de vida, na data de 19 de fevereiro de 1789, sendo sepultada na capela de São Gonçalo, envolta em um pano branco, “[...] do arco para baixo [...]”; ou seja, foi inumada em algum ponto do corpo da igreja, já bem mais afastada dos santos.⁷⁹

Roupas da morte e advogados celestiais

As mortalhas das crianças expostas seguiam o mesmo padrão de cores das roupas mortuárias das demais crianças; predominavam entre os enjeitados as cores branca, azul, vermelha, preta e roxa. A cor branca fazia referência ao Santo Sudário e à pureza da alma do pequenino; o azul estava relacionado ao manto de Nossa Senhora, que recebia as crianças no céu; o

⁷⁸ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1784-1791, f. 5v.

⁷⁹ Assentos de óbito, Cx. única. Maço de 1784-1791, f. 12.

vermelho era uma menção ao Santíssimo; o preto e o roxo, tonalidades fortes e tristes, estavam ligados à morte e ao luto.⁸⁰ Em outras sociedades da América portuguesa, como o Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, já havia sinais de mudança quanto à forma de vestir os pequenos defuntos: houve casos de crianças enterradas vestidas com a armadura e capacete de São Miguel Arcanjo, ou em hábitos de religiosos.⁸¹

Outra recorrência nos assentos de óbito dos expostos da freguesia da Cidade do Natal foi o local do enfeitamento. Dessa forma, foi possível observar que todos os enfeitados presentes nos assentos de óbito constituíram abandonos em domicílio, confirmando o padrão seguido pelos indivíduos da freguesia, explicado anteriormente.

Como já mencionado, a freguesia da Cidade do Natal era uma sociedade composta de indivíduos dependentes entre si, tal como todas as outras formações sociais da América portuguesa, do mundo católico ocidental e além. A diminuta proporção da sociedade da freguesia, onde os laços de dependência mútua eram diretos e as relações entre as pessoas eram vis-à-vis, não significava que o quadro do todo relacional fosse simples: aqueles indivíduos, além de viverem suas relações de tributação recíproca, também estavam interligados às instituições; por exemplo, todos dependiam do Senado da Câmara para resolver os problemas da vida cotidiana, enquanto a Câmara necessitava da população para a arrecadação dos impostos.

Por conseguinte, o todo relacional também estava conectado de forma interdependente à Igreja católica. O saber socialmente construído e adquirido no percurso de vida das pessoas a partir da religião pressionava os indivíduos a praticarem a caridade; reciprocamente, receberiam a

⁸⁰ RODRIGUES, Cláudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 164.

⁸¹ REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.), ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2. p. 110-112.

absolvição dos pecados. A interdependência entre os moradores da freguesia, tal como em outras formações sociais do mundo ibérico, transcendia o mundo das coisas físicas, pois os vivos dependiam dos mortos que, por sua vez, também eram seus dependentes.⁸²

Tal entrelaçamento entre vivos e mortos pode ser examinado nas aberturas dos testamentos do século XVIII e primeira metade do XIX, em que os vivos, envolvidos por uma fantasia coletiva elaborada pela religião católica, acreditavam na existência de uma vida além da sepultura, onde as almas necessitavam de orações e missas para saírem do Purgatório e atingirem a salvação plena, podendo mesmo intervir no cotidiano dos vivos.⁸³

Ao mesmo tempo, os vivos, em uma ilusão inconsciente, acreditavam e esperavam que os mortos fossem seus advogados perante a Corte celestial; isso explica as muitas missas pagas à Igreja e legadas pelos moribundos em seus testamentos em intenção das almas de parentes, amigos e das milhares de almas que sofriam no Purgatório.

Deixar missas pagas para as almas dos outros foi uma prática ligada aos atos do “bem morrer”, algo que era apreendido no dia-a-dia, assim como ensinado, integrando os vários saberes socialmente adquiridos pelo homem católico ocidental.⁸⁴ Em 1769, o governo pombalino criou medidas para intervir e tentar mudar os costumes relativos à prática de legar grandes somas às almas, buscando conter as pulsões dos moribundos e suas ansiedades pela própria salvação. Na busca de controlar os exageros no momento de legar missas à própria alma e às almas dos outros, a Coroa

⁸² Para uma melhor compreensão do conceito de interdependência. ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Trad. Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980. Cf, também ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁸³ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 167.

⁸⁴ RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro – séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 31-59.

portuguesa procurava proteger os herdeiros de carne e osso.⁸⁵

Porém, fosse na freguesia da Cidade do Natal, entre os séculos XVIII e XIX, ou em qualquer outra formação social da América portuguesa, as pequenas almas não escapavam de engrossar as fileiras de intercessores no mundo dos mortos. Na economia psíquica daqueles indivíduos, os pequenos mortos, inclusive os expostos, se convertiam em anjinhos.⁸⁶

Segundo Venâncio, transformar os pequenos defuntos em anjinhos foi estratégia da Igreja, uma maneira que os padres tiveram para consolar muitos pais e mães que perdiam seus filhos na tenra idade; vários pregadores católicos afirmavam, com base nas Escrituras, que das crianças era o reino de Deus.⁸⁷ Para Sheila de Castro Faria, “[...] morrer ainda muito jovem, desde que com o batismo, significava aumentar a quantidade de anjinhos. Era o caminho da salvação. Deus proporcionou seu nascimento, fazendo o mesmo com sua morte”.⁸⁸

Ao longo dos anos, o imaginário elaborado pela Igreja de que recém-nascidos ou crianças, quando morriam, convertiam-se em anjinhos, tornou-se não apenas uma fantasia coletiva, fazendo parte da imaginação de homens e mulheres, mas passou a compor a redação dos assentos de óbito, e se enraizou na estrutura da personalidade daqueles indivíduos.

Assim, lê-se: “aos quatorze de agosto de mil oitocentos e quatro, faleceu um anjo filho digo sepultado um anjo exposto em casa de Gabriel morador na beira do rio [...]”⁸⁹; menos de dois meses depois, outro enjeitado falecido é qualificado em seu registro de enterramento como um ser

⁸⁵ SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. Oliveira (Dir.); SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). *Nova história da expansão portuguesa: o império luso-brasileiro*. Lisboa: Estampa, 1986. v. 8. p. 545.

⁸⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE / Achiamé; Natal: UFRN, 1983. p. 24.

⁸⁷ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999. p. 102.

⁸⁸ FARIA, Sheila de Castro. A propósito das origens dos enjeitados no período escravista. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (Org.). *Uma história social do abandono de crianças: de Portugal ao Brasil – séculos XVIII-XX*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 81.

⁸⁹ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1795-1845, f. s/n.

celestial; “aos cinco de outubro de mil oitocentos e quatro, sepultado nesta capela de São Gonçalo um anjo exposto em casa de Francisca Antonia moradora no Uruaçu [...]”.⁹⁰ Quando novos termos surgiam na documentação oficial, era sinal de que os aspectos psicogenéticos estavam em perceptível transformação.

Em um primeiro momento da prática do abandono, os genitores supostamente desconhecidos e os expostos dependiam dos receptores para recolher, batizar e acolher, elaborando para isso as redes informais de assistência. Os receptores dependiam também dos abandonadores e dos expostos para praticarem uma ação pública de caridade. Quando os enjeitados não resistiam e morriam com pouca idade, eram os acolhedores que passavam a depender dos pequenos anjos, que convertiam-se em intercessores no mundo do Além. Talvez inconscientemente essa dependência que transcendia o mundo físico, fundada em uma fantasia coletiva sobre a morte de crianças, amenizasse os custos materiais com o enterro do pequeno abandonado.

Conclusão

Como foi apresentado e discutido, a freguesia da Cidade do Natal, correspondeu a uma fração da jurisdição eclesiástica do Bispado de Pernambuco, que ainda em princípio do século XVII estava subordinada ao Bispado da Bahia. O que demonstra que a freguesia examinada em devoção a Nossa Senhora da Apresentação, fazia parte dos espaços mais antigo de colonização da América portuguesa. Espaço aquele entre os séculos XVIII e XIX, trazia em seu território uma população bastante diversa composta de brancos, negros, índios e pardos, homens, mulheres, livres, escravos e forros, todos assistidos religiosamente por padres, igrejas e

⁹⁰ Assento de óbito, Cx. única, Maço de 1795-1845, f. s/n.

capelas.

Enfim, a experiência do abandono de crianças recém-nascidas na freguesia da Cidade do Natal não passou pelo Senado da Câmara. Todavia, passou por diversos indivíduos que compuseram a formação social da freguesia, vários homens e mulheres atuaram como receptores ou padrinhos de enjeitados. Por conseguinte, aqueles indivíduos, conectados uns aos outros, compuseram uma rede de interdependência direta, estabelecendo as ações necessárias para o socorrimento e manutenção da vida dos pequenos desafortunados. Não acredito que a rede complexa de interdependência, tenha contido o a morte dos expostos, mas sou forçado a supor provavelmente tivesse essa intenção.

Quanto à morte dos pequenos expostos, todos os enjeitados registrados nos documentos de enterramento tinham sido deixados em domicílio, confirmando o perfil do enjeitamento construído a partir dos documentos de batismo. O abandono de recém-nascidos no espaço da freguesia da Cidade do Natal, não foi considerado um problema para aquela sociedade, nem muito menos para Senado da Câmara, ou mesmo para Igreja. No entanto, quando o enjeitado morria o enterro do pequeno era responsabilidade do receptor, era ele quem tinha que arcar com a mortalha, encomendação do corpo e sepultura, quando havia o recolhimento de esmolas para custear os serviços, isso significava que a responsabilidade com o enterro era transferida para coletividade.

É importante destacar, que as centenas de documentos de óbitos examinados para freguesia da Cidade do Natal, deixaram entrever uma possível mudança de sensibilidade para com as crianças falecidas, sobretudo quando é possível identificar que houve casos em que o recém-nascidos enjeitados foram sepultados próximo ao altar.

Ao cabo de tudo, quando faleciam em tenra idade, os recém-nascidos eram inumados em mortalhas de múltiplas cores, mas o branco e o azul era quase um padrão na freguesia de Natal, representado a pureza dos

inocentes. Na concepção das fantasias coletivas do mundo colonial na América, os pequenos defuntos se constituíam em anjinhos, pondo os vivos sob a dependência de suas intercessões na corte celestial.

REFERÊNCIAS

FONTES

Assentos de batismo da freguesia da Cidade do Natal, 1750-1835 (Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Natal).

MAÇO: 1753-1755.

MAÇO: 1755-1757.

MAÇO: 1760-1761.

MAÇO: 1761-1763.

MAÇO: 1763-1765.

MAÇO: 1765-1766.

MAÇO: 1768-1770.

MAÇO: 1770-1777.

MAÇO: 1786-1795.

MAÇO: 1792-1813.

LIVRO: 1795-1807.

MAÇO: 1799-1807.

MAÇO: 1803.

MAÇO: 1813-1815.

MAÇO: 1810, 1813, 1815, 1821, 1822, 1831, 1835.

LIVRO: 1826-1835.

Assentos de óbito da freguesia da Cidade do Natal, 1760-1835 (Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Natal).

MAÇO: 1760-1765.

MAÇO: 1762-1765.

MAÇO: 1767.

MAÇO: 1768.

MAÇO: 1780-1784.

MAÇO: 1784-1791.

MAÇO: 1788-1802.

MAÇO: 1792-1793.

MAÇO: 1795-1802.

MAÇO: 1795-1845.

LIVRO: 1820-1847.

IDEIA da População da Capitania de Pernambuco, e das suas annexas, extensão de suas Costas, Rios, e Povoações notaveis, Agricultura, numero dos Engenhos, Contractos, e Rendimentos Reaes, augmento que estes tem tido &. a &. a desde anno de 1774 em que tomou posse do Governador das mesmas Capitancias o Governador e Capitão General Jozé Cezar de Menezes. In: *ANNAIS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO*, publicados sob a administração do Director geral interino (Dr. Aurelio Lopes de Souza). Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Biblioteca Nacional, 1923. (Vol. XL – 1918)

ORDENAÇÕES FILIPINAS – Disponível em:
<<http://www1.ci.uc.pt/ihiti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>> Acessado em:
11/06/2015.

Primeiro Livro de Tombo da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Cidade do Natal, 1725-1890 (Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Natal).

Termos de vereação do Senado da Câmara da Cidade do Natal, 1709-1823 (Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte).

LIVRO: 1709-1721.

LIVRO: 1721-1735.

LIVRO: 1737-1742.

LIVRO: 1743-1744.

LIVRO: 1745-1752.

LIVRO: 1766-1781.

LIVRO: 1781-1784.

LIVRO: 1784-1793

LIVRO: 1784-1803.

LIVRO: 1793-1803.

LIVRO: 1815-1823.

Bibliografia

ANDRÉS, Pedro Quintana, CABRERA, Manuel Lobo. Expósitos en la isla de la Palma (1673-1757). *Anuario de Estudios Atlánticos*. 2013. p. 809-884. Disponível em:
<<http://anuariosatlanticos.casadecolon.com/index.php/aea/article/viewFile/719/719>> Acessado em: 30/10/2015.

ARAÚJO, Cíntia Ferreira. Os frutos enjeitados: o abandono de crianças na Mariana Oitocentista. In: VENÂNCIO, Renato Pinto. *Uma história social do abandono de crianças – De Portugal ao Brasil: séculos XVIII-XX*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 177-202.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente – Da Idade Média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 290p.

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2014. 837p.
- CAPILLA, Manuel Vallecillo, ROS, Guillermo Olagüe de. Política demográfica y realidad social en la España del siglo XVIII: la asistencia al niño expósito en Granada (1753-1808). *Acta Hispanica ad Medicinæ Scientiarumque Historiam Illustrandam*. V. 2, p. 211-240, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore*. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE / Achiamé; Natal: UFRN, 1983. 219p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 524p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Paróquias do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1992. 98p.
- CAVAZZANI, André Luiz M. *Um sobre a exposição e os expostos na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (segunda metade do século XVIII)*. 158f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Trad. Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1980. 202p.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 312p.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos – envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 107p.
- FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 432p.
- FARIA, Sheila de Castro. A propósito das origens dos enjeitados no período escravista. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (Org.). *Uma história social do abandono de crianças: de Portugal ao Brasil – séculos XVIII-XX*. São Paulo: Alameda, 2010. p. 81-98.
- FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2014. 254p.
- HUAMÁN, Richard Chuhue. Enterramiento de expósitos y benefactores en la bóveda sepulcral de la iglesia y hospícios de niños huérfanos de Lima. In: HUAMÁN, Richard Chuhue, LUNA, Pieter van Dalen (Org.). *Lima subterránea – arqueologia histórica: criptas, bóvedas, canales virreinales y republicanos*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2014. p. 154-175.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social do abandono de crianças*. São Paulo: HUCITEC, 1998. 210p.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil. 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 75-98.
- MEIRELLES, Pedro Von Mengden. *Um terreno cheio de asperezas: o cemitério da matriz de Porto Alegre no cotidiano da cidade (1772-1888)*. 243f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MELO, Sara, CHORÃO, Rui. Espasmos de choro: problema de comportamento? Nascer e crescer – *Revista do hospital de crianças Maria Pia*. v. XIX, n. 1, p. 20-24, 2010. Disponível em: <
<http://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/671/1/v19n1artRev.pdf> > Acesso em: 08 jan 2016.

- MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN, 2000. 190p.
- MORENO, José Luis. El delgado hilo de la vida: los niños expósitos de Buenos Aires, 1779-1823. *Revista de Indias*, v. LX, n. 220, p. 664-685, 2000.
- NADALIN, Sergio Odilon. *História e Demografia: elementos para um diálogo*. Campinas: ABEP, 2004. 358p.
- NASCIMENTO, Alcileide Cabral. *A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832)*. 305f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiências urbanas séculos XVIII-XIX*. 262f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. 329f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990.
- PAULA, Thiago do Nascimento Torres de. *Teias de caridade e o lugar social dos expostos da Freguesia de N^a Sr^a da Apresentação - Capitania do Rio Grande do Norte, século XVIII*. 197f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- REIS, João José. *A morte é uma festa - ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.
- REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.), ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). *História da vida privada no Brasil Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 35-67.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro - século XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 390p.
- RODRIGUES, Cláudia, FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary, AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2011. P.157-184.

Artigo recebido em 01/10/2019 e aprovado em 13/12/2019.